

O FILHO QUE PARTIU SEM NUNCA TER IDO



"[11] Um homem tinha dois filhos. [12] O filho mais jovem disse ao pai: 'Quero a minha parte da herança', e o pai dividiu seus bens entre os filhos. [13] Alguns dias depois, o filho mais jovem arrumou suas coisas e se mudou para uma terra distante, onde desperdiçou tudo que tinha por viver de forma desregrada. [14] Quando seu dinheiro acabou, uma grande fome se espalhou pela terra, e ele começou a passar necessidade (...) [20] Então voltou para a casa de seu pai. Quando ele ainda estava longe, seu pai o viu. Cheio de compaixão, correu para o filho, o abraçou e o beijou. [21] O filho disse: 'Pai, pequei contra o céu e contra o senhor, e não sou mais digno de ser chamado seu filho'. [22] O pai, no entanto, disse aos servos: 'Depressa! Tragam a melhor roupa da casa e vistam nele. Coloquem-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. [23] Matem o novilho gordo. Faremos um banquete e celebremos, [24] pois este meu filho estava morto e

voltou à vida. Estava perdido e foi achado!'. E começaram a festejar. [25] Enquanto isso, o filho mais velho trabalhava no campo. Na volta para casa, ouviu música e dança, [26] e perguntou a um dos servos o que estava acontecendo. [27] O servo respondeu: 'Seu irmão voltou, e seu pai matou o novilho gordo, pois ele voltou são e salvo!'. [28] O irmão mais velho se irou e não quis entrar. O pai saiu e insistiu com o filho, [29] mas ele respondeu: 'Todos esses anos, tenho trabalhado como um escravo para o senhor e nunca me recusei a obedecer às suas ordens. E o senhor nunca me deu nem mesmo um cabrito para eu festejar com meus amigos. [30] Mas, quando esse seu filho volta, depois de desperdiçar o seu dinheiro com prostitutas, o senhor comemora matando o novilho!'. [31] O pai lhe respondeu: 'Meu filho, você está sempre comigo, e tudo que eu tenho é seu. [32] Mas tínhamos de comemorar este dia feliz, pois seu irmão estava morto e voltou à vida. Estava perdido e foi achado!'. (Lucas 15.11-14, 20-31 – Nova Versão Transformadora)

O capítulo 15 do Evangelho de Jesus Cristo, segundo a narrativa de Lucas, é um dos capítulos mais conhecidos e apreciados em toda a Bíblia. Nele, a parábola do *filho pródigo* forma, juntamente com as parábolas da *ovelha* e da *moeda* perdidas, o conjunto das três parábolas sobre perdidos e achados. As três parábolas juntas compõem uma unidade literária – veja a repetição dos verbos “perder”, “encontrar” [ou “achar”] e “alegrar-se” (vv. 5-6, 9, 22-24). A parábola da *ovelha perdida* termina em festa e alegria (vv. 5-6). A da *moeda perdida* também (vv. 9-10). Mas a parábola do *filho pródigo* termina em um cenário de indignação e revolta por parte do filho mais velho. Por meio das três parábolas o Senhor Jesus responde aos líderes religiosos que o criticavam por acolher o tipo errado de pessoa – que eram chamados simplesmente de “pecadores” – e participar de refeições juntamente com os tais (v. 2)¹.

Apesar do subtítulo mencionar apenas o filho mais novo [o “filho perdido” ou “filho pródigo”], na passagem bíblica a frase inicial da parábola (v. 11) faz referência a dois filhos. O irmão mais velho faz parte da história desde o início. Para muitos estudiosos bíblicos, a parábola do filho pródigo deveria se chamar “a parábola do pai e os dois filhos perdidos”. Na realidade, ao contrário do que a

¹ No Oriente, hoje em dia, como no passado, um nobre pode alimentar qualquer número de pessoas necessitadas, de nível inferior, como sinal de generosidade, mas **não** come com elas.

maioria dos leitores desse texto imagina, o foco principal da parábola está nas atitudes do filho mais velho que, em certos aspectos, são muito semelhantes às tomadas pelo filho mais novo.

A parábola se inicia com o filho mais novo pedindo ao pai a sua parte na herança da família. Pelas vias naturais, ao morrer o pai, pelo direito de primogenitura o filho mais velho receberia a porção dobrada (2/3) da herança da família (cf. Deuteronômio 21.17). O mais filho mais novo receberia, então, 1/3 de todo o patrimônio familiar. Mas na cultura oriental, o pedido da herança por parte de um filho, estando o pai ainda vivo, é o mesmo que desejar publicamente a morte do seu pai. É algo tão absurdo que, em todo o Antigo Testamento, atos como o do filho pródigo são desconhecidos. Em toda a literatura do Oriente Médio, desde os tempos antigos até o presente, não há nenhum caso de algum filho, mais velho ou mais jovem, que tenha pedido a sua herança ao pai que ainda gozava de boa saúde. A atitude do filho pródigo foi considerada um insulto extraordinário ao pai, que é tratado como se já estivesse morto. Ainda assim, o pai demonstra amor quase incrível quando concede ao filho o que ele pede: a posse e a disposição da sua parte na herança.²

Com o pai ainda vivo – mas existencialmente morto – o filho mais novo optou por se mudar “*para uma terra distante, onde desperdiçou tudo que tinha por viver de forma desregrada*” (v. 13). Sem a presença, supervisão e conselhos do pai, o filho pródigo passou a viver uma vida libertina, sem regras, sem controle, sem moral, sem consciência de que “*há caminhos que a pessoa considera corretos, mas que acabam levando à estrada da morte*” (Provérbios 14.12). De maneira muito semelhante ao filho pródigo, muitas pessoas experimentam o amor e graça do Senhor Jesus em suas vidas. Mas em determinado momento, optam por serem sábios aos próprios olhos, escolhem os próprios caminhos e dão as costas para Deus (cf. Provérbios 3.7). “*Afirmam que conhecem a Deus, mas o negam por seu modo de viver*” (Tito 1.16). Suas atitudes, demonstram o desejo de que Deus esteja existencialmente “morto” em suas vidas, para que possam viver de forma independente dEle.

O perfil de vida do filho pródigo todos nós conhecemos. Mas o silêncio do filho mais velho indica cumplicidade com as atitudes iniciais do irmão. Em vez de recriminar a atitude do irmão mais novo, o filho mais velho também aceitou receber antecipadamente a sua parte na herança, visto que o “*pai dividiu seus bens entre os filhos*” (v. 12). O correto seria ele se recusar a aceitar a sua parte em voz alta, como protesto contra as implicações do pedido de seu irmão. Mas ele aceitou a “morte” em vida do pai, mesmo estando ao lado dele e morando na mesma casa. O seu silêncio sugere fortemente que o seu relacionamento com o pai não era como deveria ser. Alguns estudiosos bíblicos vão além e acreditam que o relacionamento do filho mais velho, tanto com seu irmão quanto com seu pai, estava rompido – ainda que habitassem debaixo do mesmo teto.³

² BAILEY, Kenneth E.. *As parábolas de Lucas: uma análise literário-cultural*. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 211-214 p.

³ Ibid., p. 218-219

O apóstolo Paulo ensinou que todos nós somos “filhos de Deus por meio da fé em Cristo Jesus” (cf. Gálatas 3.26) e “membros da família de Deus” (cf. Efésios 2.19). Quantos “filhos mais velhos” existem na “família” de Deus? Quantos destes “filhos” convivem em nosso meio? Será que fazemos parte daqueles que participam de quase todas as reuniões, se envolvem nos mais diversos ministérios litúrgicos ou administrativos, estão sempre presentes nos ajuntamentos solenes, mas ausentes quando o assunto é o relacionamento pessoal com Deus, a vida devocional particular e o estudo individual das Escrituras Sagradas? Somos quem somos no coração de Deus, ou vivemos à luz dos nossos próprios olhos, das nossas próprias interpretações da vida, ainda que façamos parte de uma comunidade cristã?

O objetivo do Senhor Jesus através da parábola era demonstrar que os dois filhos estavam perdidos e ambos se encontravam distantes do pai. A diferença entre eles é que o filho mais novo “se mudou para uma terra distante” (v. 13) e o filho mais velho partiu sem nunca ter ido. Era uma presença ausente, mesmo estando sempre com o pai (“Meu filho, você está sempre comigo” – v. 31). O ensino do Senhor Jesus nos remete ao fato de que, dependendo das circunstâncias, podemos ser caracterizados tanto pela figura do filho mais velho, quanto pela figura do filho mais novo. Em ambos os casos, deixamos de viver uma vida que valha a pena ser vivida. Mas ao contrário do filho mais novo, que é facilmente identificado pelo mau cheiro de suas ações e dos seus caminhos, o filho mais velho consegue se camuflar através dos perfumes da religiosidade, da aparência externa, do vocabulário rebuscado e da falsa humildade e severidade para com o corpo (cf. Colossenses 2.23).

Na sequência do texto bíblico vemos que, depois viver literalmente uma porcaria de vida (vv. 14-16), o filho mais novo “finalmente caiu em si” (v. 16) e “voltou para a casa de seu pai” (v. 20) que, além de acolhê-lo, preparou um banquete para celebrar o retorno do filho que “estava morto e voltou à vida” (vv. 22-24), “estava perdido e foi achado” (v. 31). Pelas atitudes que teve, o filho pródigo não merecia o amor do pai. Mas a graça não envolve dar a pessoa o que ela merece, mas o que ela precisa. A atitude do pai revela que, ainda que no mundo existam as figuras do ex-companheiro, ex-namorado, ex-presidente, ex-diretor, ex-policial, ex-funcionário, dentre outras, no coração de Deus não existe a figura do “ex-filho”. Em um dos muitos salmos que escreveu, o salmista Davi afirma que Deus “não rejeitará um coração humilde e arrependido” (Salmo 51.17). Além disso, o próprio Senhor Jesus declarou: “quem vier a mim eu jamais rejeitarei” (João 6.37 – NVI).

Enquanto a festa em homenagem ao filho mais novo se desenrola, desponta novamente a figura do filho mais velho. Com ele, surgem algumas marcas presentes no coração daquele rapaz, e que também podem fazer parte do interior do nosso coração. Quais são elas? Vejamos:

A primeira marca é **insensibilidade**. “Enquanto isso, o filho mais velho trabalhava no campo. Na volta para casa, ouviu música e dança, e perguntou a um dos servos o que estava acontecendo. O servo respondeu: ‘Seu irmão voltou, e seu pai matou o novilho gordo, pois ele voltou são e salvo!’. O irmão mais velho se irou e não quis entrar” (vv. 25-28). O filho mais velho sempre estava com o pai

(v. 31); mesmo assim, em espírito esteve tão longe do pai como o próprio filho pródigo. Ele ouviu o barulho da festa e, friamente, se manteve do lado de fora da celebração. Ele deixou de compartilhar do coração do pai e do seu amor por um filho perdido. Você pode imaginar alguma coisa pior do que voltar para a casa e cair nas mãos do irmão mais velho? Muitas vezes, por causa da nossa insensibilidade, nos tornamos algozes daqueles a quem devíamos socorrer. Mais que isso, alimentamos o sentimento de ira diante das benesses alheias. Nos consideramos injustiçados quando vemos alguém em situações melhores do que aquelas que projetamos para nossa vida. Alguns chegam ao ponto de desejar que a graça derramada sobre outros, se transforme em desgraça.

A segunda marca é a **inflexibilidade**. “*O pai saiu e insistiu com o filho, mas ele respondeu*” (vv. 28-29). Mesmo após a explicação do motivo pelo qual se realizava a festa, o filho mais velho se recusava a aceitar aquela celebração. Em nenhum momento ele procurou se colocar no lugar do pai ou do irmão. Quantas vezes estivemos diante de pessoas que erraram conosco e que, mesmo arrependidas, não encontraram em nós o perdão, o acolhimento, a compreensão? Quantas vezes somos convidados a participar da comunhão com outros irmãos, mas optamos por permanecer no lado de fora, ausentes e inflexíveis?

A terceira marca é a **irresponsabilidade**. “*Quando esse seu filho volta, depois de desperdiçar o seu dinheiro com prostitutas, o senhor comemora matando o novilho!*” (v. 30). O primogênito mantinha um lugar de honra muito especial no ambiente familiar. No entanto, esperava-se que ele assumisse maior responsabilidade por seus atos e pelos atos dos seus irmãos.⁴ Embora não houvessem mais reivindicações legais de uma herança, a responsabilidade do irmão mais velho em relação ao mais novo não era cancelada.⁵ O pai fez o que era de responsabilidade do filho mais velho.

A quarta e última marca é o **individualismo**. “*Todos esses anos, tenho trabalhado como um escravo para o senhor e nunca me recusei a obedecer às suas ordens. E o senhor nunca me deu nem mesmo um cabrito para eu festejar com meus amigos*” (v. 29). A intenção do filho mais velho era promover uma festa tendo por companhia os amigos em vez da família. Seu foco estava na satisfação pessoal em vez do bem-estar familiar. Para ele, pouco importava os sentimentos do pai ou as necessidades do irmão. Não é o que acontece em nossos ajuntamentos solenes, quando nossa atenção está voltada apenas para os nossos desejos e preferências, seja no lugar que ocupamos na comunidade, ou na escolha dos cânticos que são entoados, ou ainda nos temas dos sermões que são ministrados?

Sendo assim, em nossa vida há muito mais semelhanças com o filho mais velho do que com o filho mais novo. Em ambos os casos, que Deus tenha misericórdia de nós! *Soli Deo Gloria*.

⁴ TENNEY, Merrill C.; PACKER, J. I.; WHITE JR., William. *Vida cotidiana nos tempos bíblicos*. Trad. Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 1980. 12 p.

⁵ RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. *Chave linguística do Novo Testamento grego*. Trad. Gordon Chown e Júlio Paulo Teixeira Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1995. 138 p.